

Filosofia, educação, justiça e direitos humanos: Josef Pieper nas revistas do Cemoroc (2017-2021)

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra a importância das revistas do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Universidade de São Paulo (USP) para a difusão do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper no Brasil entre 2017 e 2021.

Palavras Chave: Josef Pieper – Cemoroc – Educação – Universidade – Justiça – Direitos Humanos.

Abstract: This paper shows the importance of the academic journals published by Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) of University of São Paulo (USP) to diffusion of German philosopher Josef Pieper's thought in Brazil from 2017 to 2021.

Keywords: Josef Pieper – Cemoroc – Education – University – Justice – Human Rights.

Introdução

Em 2017, por ocasião do 20º aniversário da Editora Mandruvá e das revistas do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), mostrei em artigo² a importância dessas revistas para a difusão no Brasil do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997). No artigo, foi destacado que, em 20 anos de atividades da editora, entre 1997 e 2017, textos de Pieper apareceram 41 vezes em oito de suas revistas, publicados em três idiomas, sendo o mais frequente o português (33 vezes), seguido pelo espanhol (6) e o alemão (2). Além disso, foram publicados também artigos de comentaristas da obra de Pieper.



Josef Pieper (1904-1997)

Agora, quando as revistas comemoram 25 anos, analiso a seguir o espaço que elas dedicaram ao filósofo alemão nos cinco anos que se passaram desde aquele artigo. Esse exame mostrará, como veremos, que, entre 2017 e 2021, as revistas do Cemoroc continuaram a divulgar as ideias de Pieper através de seus textos, publicados no idioma original ou em traduções, e de ensaios de comentaristas do pensamento do

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

² “O pensamento de Josef Pieper no Brasil – As revistas do Cemoroc”, *International Studies on Law and Education*, número 25/26. Disponível em www.hottopos.com/isle25/67-76CastroPieper.pdf.

filósofo de Münster, tal como ocorrera nos 20 anos anteriores. Com isso, elas se consolidam como o espaço por excelência de transmissão no Brasil de uma obra que tem muito a contribuir para a teologia, a filosofia e a educação na contemporaneidade.

Nos últimos cinco anos, textos de Pieper apareceram 18 vezes nas revistas do Cemoroc. Dos artigos publicados, nove foram no original em alemão, sete em português, um em inglês e um em espanhol. As revistas também dedicaram espaço para sete artigos assinados pelo professor Berthold Wald, da Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha, editor das obras completas do filósofo alemão, em 11 volumes. Outros quatro textos publicados nesse período são de autoria de comentaristas da obra de Pieper. Um deles é Joseph Ratzinger, o Papa Emérito Bento XVI, como será comentado adiante.



Placa instalada na fachada da casa onde Josef Pieper nasceu, em Elte, na Alemanha - Foto: Roberto Castro

2017: três textos em alemão

Em 2017, três revistas do Cemoroc publicaram artigos de Pieper no original em alemão. A *Convenit Internacional* deu a público *Das Gespräch als Ort der Wahrheit* (“O diálogo como lugar da verdade”)³ e a *Revista Internacional de Humanitats* lançou *Zwei Weisen, »kritisch« zu sein* (“Dois modos de ser ‘crítico’”)⁴ e *Verstehen – liebendes Erkennen* (“Compreender, conhecimento amoroso”)⁵.

Esses três curtos textos já dão uma boa noção do filosofar de Pieper. Em *Das Gespräch als Ort der Wahrheit*, por exemplo, o filósofo comenta a frase “A verdade, como realidade humana, surge apenas em situação de diálogo”, escrita por Platão na sua famosa *Sétima Carta*. “Primeiro, fala-se da verdade, como ela é vista no filosofar, da verdade sobre o todo da realidade e sobre o sentido da condição humana em seu conjunto. A verdade entendida como o que torna sábio. Nenhuma das ciências isoladas pode protestar esse direito de tornar sábio e por excelência ‘conhecente’”, analisa Pieper. “Erudição e habilidade são diferentes de sabedoria. Na realidade, a filosofia não torna propriamente sábio, mas o filosofar, como ‘busca amorosa’, tem em mira a ‘sabedoria’. É o conhecimento no qual recebemos essa sabedoria, embora a longa distância e como algo não definitivamente possível – esse conhecimento, tal é a opinião de Platão –, acontece e se realiza apenas no diálogo. Como através de uma faísca uma luz inesperadamente se acende na alma: quando os homens continuamente, ‘por amor à discussão’, se reúnem e conversam uns com os outros.”

³ www.hottopos.com/convenit24/65-66Pieper.pdf

⁴ www.hottopos.com/rih40/81-82Pieper.pdf

⁵ www.hottopos.com/rih41/89-90Pieper.pdf

“Essa afirmação é entendida de forma tal que ela exclui duas coisas”, continua. “Ela se dirige, antes de tudo, contra a opinião de que esse tipo de sabedoria poderia realmente ser percebido na palavra escrita. Escrever e ler não são, segundo a opinião de Platão, a forma na qual a verdade como realidade humana primariamente se realiza. Esse é um discurso relativamente surpreendente na boca de um homem que seguramente por mais de 50 anos agiu através da palavra escrita. Mas o mais surpreendente é que esse mesmo homem insiste nisso: não existe nada escrito por suas mãos sobre as coisas nas quais ele está tão empenhado. E quem tenta expressar por escrito o pensamento na mais profunda seriedade, seu coração deve estar ‘arruinado’, certamente não pelos deuses, mas pelos homens.”

Zwei Weisen, »kritisch« zu sein é um texto que, ao mesmo tempo em que revela o procedimento intelectual de Pieper diante do mundo, faz um importante alerta contra o exacerbado racionalismo que ainda teima em predominar no pensamento ocidental contemporâneo. Lembrando que há dois modos de ser “crítico”, o filósofo cita inicialmente o cientista, para quem “ser crítico” significa “zelar para que, apenas e tão somente, o que foi suficientemente comprovado seja aceito como válido”, segundo a tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand. “No entanto, para além da ciência, que por sua natureza lida com objetos que, se por um lado podem ser tratados de modo exato, por outro são particulares, há, ainda, outros modos pelos quais a verdade se nos torna acessível.”

Pois, para Pieper, o tipo de conhecimento buscado pelo cientista não é suficiente para o ser humano chamado à reflexão. Este não abre mão de alcançar alguma concepção, seja de que tipo for, sobre a totalidade do real e sobre a própria existência humana. “Em última análise, nosso desejo de conhecer tem por objetivo aquilo que o filósofo anglo-americano Alfred N. Whitehead chama de *the complete fact*, o ‘fato completo’, a coesão global do mundo e da existência. Quanto a isso, é para nós absolutamente claro que jamais será possível um conhecimento humano exaustivo a respeito desse ‘objeto’ e que, pelos métodos das ciências exatas, o homem talvez nem sequer possa divisar essa coesão global. No entanto, insistimos em perguntar-nos acerca dela e em procurar uma resposta para ela.”

E é principalmente ao filosofar que o ser humano é levado a esse sentido de “direção à totalidade”, continua Pieper em *Zwei Weisen, »kritisch« zu sein*. “Pois filosofar significa precisamente isto: considerar a totalidade, o sentido último daquilo com que deparamos na experiência. É uma tarefa que evidentemente não pode ser encerrada no âmbito delimitado de uma disciplina acadêmica especializada, uma tarefa da qual, além do mais, ninguém que tenha a pretensão de pautar a sua existência a partir do pleno impulso de sua vida do espírito se pode eximir.”

Pieper conclui o artigo tornando clara a diferença entre os dois modos de ser crítico. Segundo ele, o cientista visa em especial a “não deixar passar nada” (*nichts durchlassen*) que não tenha sido comprovado, enquanto o que filosofa, tal como para aquele que crê, o que vale é “não deixar de fora nada” (*nichts auslassen*), absolutamente nada. “Para evitar que nem ao menos o menor elemento da totalidade da verdade lhe escape, estaria antes pronto a contentar-se com provas menos exatas do que assumir um possível comprometimento do contato com a verdade. E no que se refere àquele que crê, permanece para reflexão a sentença de John Henry Newman, que afirma que o cuidado crítico, cuidado de quem crê, pode manifestar-se precisamente no fato de ‘não esperar pela prova mais perfeita que se possa imaginar’.”

Já quanto a *Verstehen – liebendes Erkennen* – outro artigo publicado pelo Cemoroc em 2017 –, trata-se de um texto que conserva fecundas reflexões sobre a palavra “compreender”. “Qualquer um que ouça com atenção o falar cotidiano das pessoas percebe imediatamente que nós só usamos a palavra “compreender”, no

sentido estrito, se alguém puder captar o que uma pessoa disse, tal como ela o concebeu”, escreve Pieper, em tradução de Jean Lauand e Enio Starosky. “Aquele que compreende não tem que ver só com um algo, mas também, ao mesmo tempo, com um alguém vivo que ‘se’ expressa”. Pode acontecer que alguém receba o conhecimento de um enunciado, bem como de um fato, então ele ouve e talvez também saiba o que o outro disse; mas ainda não ‘compreendeu’, nem a afirmação nem o próprio falante. Para tanto, é necessário um voltar-se pessoal para o interlocutor; somente então, pelo fato objetivo do som, dos gestos ou do escrito, a verdadeira mensagem é vista, e para ela a pessoa, que agora compreende, também se abre.”

Continuando suas reflexões sobre a palavra “compreender”, Pieper cita um versículo do capítulo 6 do livro do profeta Isaías: “Ouvirão e voltarão a ouvir, mas não quererão compreender”. A partir desse texto bíblico, o filósofo faz duas observações. “Primeira: pode-se ter percebido algo com muita clareza, e achá-lo plausível e razoável: mas só se o compreende e crê quando se quer aceitar como verdadeiro e só então integra-se em sua vida. Mais importante ainda é a segunda: crer, assim como compreender, têm que ver com um alguém vivo e, portanto, ambos só atingem sua plena realização quando nossa vontade se volta afirmativamente para esse alguém. A sentença clássica de Newman: ‘Cremos porque amamos’ corresponde muito precisamente a essa experiência de todo mundo: que nós só compreendemos o que alguém diz quando ‘nos entendemos bem’ com quem igualmente ‘amamos’ (na medida em que possamos usar essa grandiosa palavra).”

2018: universidade e formação humana

Em 2018, a revista *Convenit Internacional* publicou *Abertura para o todo: a chance da Universidade*⁶ – em tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros e Jean Lauand –, ensaio em que Pieper expõe sua visão de universidade e, com isso, faz instigantes reflexões sobre a formação humana.

Para Pieper, o autêntico ensino universitário está relacionado com a própria estrutura do ser humano, que por sua própria essência se refere ao todo da realidade. Espírito é aquela capacidade de relacionamento que aponta para a universalidade do real; está capacitado e disposto a entrar em contato (e a manter este contato) com o “em si” de tudo que é. “Ter espírito”, ser “um ente dotado de espírito”, significa sobretudo ser *capax universi*, capaz de abarcar e de ser receptivo ao todo do mundo. Ao contrário do animal, que está encerrado num meio fragmentário, num “mundo circundante”, ter espírito significa existir face ao conjunto da realidade, *vis-à-vis de l'univers*.

Lembrando que esse pensamento tem sido repetido desde os antigos até hoje – de Aristóteles e Tomás de Aquino a Max Scheler, por exemplo –, Pieper destaca que ele implica ainda que um ente espiritual (e, portanto, também o homem) só realiza suas verdadeiras potencialidades quando divisa o todo da realidade e a ele se abre expressamente.

E aqui surge uma descrição do que é realmente educação: “A educação daquilo que é própria e especificamente humano, ou, em outras palavras, a verdadeira formação do homem, somente se dá quando se põe em marcha esse confronto com o todo existente. Um homem verdadeiramente formado é alguém que sabe como se

⁶ www.hottopos.com/convenit27/109-120PieperUniv.pdf

relacionar com o mundo como um todo, ainda que esse conhecimento da realidade seja imperfeito”.

É por isso que, se uma comunidade humana considera necessária a existência não só de instituições que assegurem a sobrevivência das pessoas mas também de um lugar de formação daquilo que é propriamente humano, necessariamente ela deverá considerar criar uma instituição que tenham como projeto o confronto do ser humano com o todo da realidade.

“Tal instituição é exatamente a universidade. O que faz com que a universidade seja universidade não é a ciência, mas a resoluta orientação do pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto do real; o decidido e persistente esforço de abertura para o todo, que desde sempre tem sido designado e entendido como filosofar.”

Daí o caráter filosófico da universidade que caracteriza o pensamento de Pieper sobre o ensino superior.

“Filosofar significa: dirigir o olhar a tudo aquilo que se nos depara e, num esforço de pensamento preciso e metodicamente disciplinado, suscitar a questão de seu significado último e fundamental. Alfred North Whitehead, o célebre filósofo da Universidade de Harvard, que foi ao mesmo tempo um dos fundadores da moderna lógica matemática (e em relação a quem, portanto, não se admite facilmente a suspeita de que não expressasse seu pensamento com suficiente precisão), afirmou em seus últimos anos de vida que a filosofia simplesmente se ocupa da questão *What is all about?*, questão que indaga do todo e que quer saber o que o todo tem a ver com esta realidade concreta.”

Ao discutir a tese do caráter filosófico da universidade, Pieper reconhece que ela é também um lugar de ciência, evidentemente. É graças às ciências que se dá o progresso do conhecimento, em todos os setores de pesquisa, o que proporciona os benefícios que tanto têm contribuído para o bem-estar da humanidade. “Porém, a justaposição espacial ou organizacional das ciências particulares é claramente insuficiente para revelar, a quem quer que seja, aquele *universum*, a realidade como um todo, com a qual a universidade tem - até pelo seu próprio nome - um compromisso. A própria universidade, enquanto instituição, não é um indivíduo, que ‘possa dirigir seu olhar para algo’ ou considerar algo; para fazê-lo, é necessário o sujeito, o espírito singular, a pessoa. Só as pessoas que constituem a universidade podem realizar essa abertura para a totalidade de que estamos falando. É necessário, pois, que os estudantes, por mais que se limitem a um aspecto parcialmente formado da realidade (aliás, pela sua própria disciplina científica), sejam postos em condições, sejam estimulados, continuamente provocados, compelidos pelo próprio espírito da instituição, a olhar de modo pessoal o todo do mundo e da existência. Ao se discutir, por exemplo, a questão da liberdade humana, não se deve considerá-la somente dos pontos de vista psicológico, biológico, jurídico etc. mas ‘em si’, sob toda a ‘perspectiva de reflexão’.”

O que faz com que uma universidade seja uma universidade “é que ela é o núcleo, o reduto, a cidadela e o território livre preparados e permanentemente abertos, deliberadamente, por uma organização que específica e metodicamente visa esse objetivo. Quando isso não se dá, ela fracassa na sua missão essencial; desperdiça uma potencialidade que se encontra em nenhuma outra parte do mundo”.

Ainda em 2018, a revista *Convenit Internacional* trouxe dois textos de Berthold Wald: *Martin Heidegger, Josef Pieper und die neue Thanatologie*⁷ e

⁷ www.hottopos.com/convenit27/05-14Wald.pdf

*Naturalismus und Naturrechtskritik. In welchem Sinn ist das naturgemäße Kriterium der Gerechtigkeit?*⁸. No primeiro, Wald analisa as ideias de Heidegger e de Pieper sobre a morte, comparando-as com os mais recentes estudos sobre o tema, a chamada nova tanatologia. No segundo, discute o direito natural como critério da justiça.

Naquele mesmo ano de 2018, a *International Studies on Law and Education* publicou o já citado *Zwei Weisen*, “kritisch’ zu sein⁹.



Berthold Wald e Roberto Castro na Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha

2019: educar para o máximo do ser

Em 2019, a revista *International Studies on Law and Education* publicou o dossiê “Josef Pieper, Paul Ricoeur e a educação”¹⁰, organizado por Jean Lauand e Rui Josgrilberg. “Este volume de *International Studies on Law & Education* é dedicado a Josef Pieper (1904-1997) e Paul Ricoeur (1913-2005), dois dos mais importantes pensadores de nosso tempo, que foram – cada um segundo sua orientação – de especial interesse para a antropologia filosófica e a filosofia da educação”, justificam os organizadores do dossiê no editorial. “A nota distintiva do filosofar de Pieper, catedrático de Antropologia Filosófica na Universidade de Münster, onde lecionou por mais de 50 anos, é a de repropor os grandes temas da antropologia e da educação, revitalizando-os a partir do diálogo com os patriarcas da tradição ocidental e da filosofia cristã: Platão, Aristóteles, Agostinho e, sobretudo, Tomás de Aquino (1225-1274).”

Um dos textos presentes no dossiê é “Josef Pieper: educar para o máximo do ser – e algumas tradições”¹¹, de Jean Lauand, em que o autor destaca o pensamento de Pieper sobre as virtudes clássicas, comparando-o com diferentes expressões culturais, desde a Grécia antiga até o confucionismo e a língua tupi. Ao fazer isso, aponta a semelhança fundamental entre essas expressões, que relacionam a moral diretamente com o ser: o ato moral bom é aquele que está de acordo com o que o ser humano é e está chamado a ser.

⁸ www.hottopos.com/convenit28/95-104Wald.pdf

⁹ www.hottopos.com/isle28/155-156Pieper.pdf

¹⁰ www.hottopos.com/isle31_32/index.htm

¹¹ www.hottopos.com/isle31_32/11-18Jean.pdf.

Uma dessas virtudes clássicas, a justiça, foi analisada em outro artigo do dossiê, de autoria de Chie Hirose¹², que comparou as reflexões de Pieper sobre a justiça com as ideias de um dos grandes líderes do século 20, o sul-africano Nelson Mandela, que personifica a palavra *ubuntu*. Essa expressão está relacionada com o reconhecimento do outro – justamente o que, para Pieper, constitui o fundamento da justiça.

Como escreve Chie Hirose, “na relação de justiça, prossegue Pieper, os antigos sempre enfatizavam não os legitimados, mas os obrigados: a preocupação do homem justo é a de dar ao outro o que lhe é devido (e não a de reivindicar o que ele mesmo está legitimado em receber). E evoca a sentença que Sócrates repete nos diálogos platônicos: ‘cometer uma injustiça é pior do que sofrê-la’. E Pieper ajunta: ‘A antiga doutrina da justiça não é, pois, primariamente, exposição de direitos que pertencem e que, portanto, podem ser reclamados, mas sim uma exposição e motivação do dever de respeitar direitos’”.

“Certamente, não se trata de uma desconsideração da importância da reivindicação do próprio direito, válida e, sobretudo em nosso tempo, até necessária” – continua a autora. “O que, sim, é de se promover também é o ‘outro ponto de vista’. Aquela tradicional ênfase nos obrigados aponta para as consequências de atentar contra o Outro (...). A minha autorrealização como ser humano depende de minha abertura para o Outro. Essa esquecida ênfase pode, é claro, aumentar a eficácia das próprias reivindicações dos direitos dos legitimados, a partir do outro polo.”

Outro texto do dossiê, assinado pelo autor deste artigo, explora o *Tratado sobre a Prudência*¹³, de Pieper. Nele, são reproduzidas as ideias do filósofo alemão sobre essa virtude cardeal: “Em seu tratado, Pieper lembra que a realização do bem tem como pressuposto o conhecimento da realidade. Pode fazer o bem somente quem sabe como as coisas são e se encontram. Não são suficientes a boa intenção ou a boa opinião. O que é decisivo, para a realização da ação moral boa, é o límpido e cristalino conhecimento da realidade”.

“As decisões prudentes se alimentam de duas fontes: os princípios universais da razão e os aspectos particulares em que se situa o seu agir. Os princípios universais da razão prática se referem à consciência moral, em que se encontra o conhecimento da essência do bem, traduzido na afirmação ‘Deve-se amar e realizar o bem’ – frase que expressa o objetivo comum de toda ação humana. Mas a prudência não se aplica aos fins últimos da vida humana, e sim aos caminhos que levam a esses fins. O caráter próprio da prudência é o comprometimento no campo dos meios e dos caminhos e no campo das realidades concretas.”

“Há uma unidade entre o senso moral e a prudência, o que é chamado de ‘consciência’. A prudência – ou melhor, a razão prática que atua na prudência – é a consciência da situação, a ‘consciência circunstancial’, e nisso ela se distingue do senso moral, ligado aos princípios universais. Os ditames do senso moral são como que a ‘terra firme’, o ponto de partida para a concreta decisão da consciência circunstancial. Nessa decisão a consciência moral encontra sua aplicação prática. A prudência possui uma dupla face. Ela é cognoscitiva e deliberativa. Ou seja, está voltada tanto para a inteligência, para o reconhecimento do real, como para a determinação do querer e do agir. A inteligência ocorre primeiro. Ela constitui o ‘padrão determinante’ da decisão. Já a decisão, que como algo secundário recebe do conhecimento o seu padrão, determina o querer e o agir. Assim, o comando da prudência é um ‘conhecimento diretivo’, um conhecimento aplicado a uma ação.

¹² www.hottopos.com/isle31_32/19-38Chie.pdf

¹³ www.hottopos.com/isle31_32/39-46Roberto.pdf

Entretanto, a prudência não se limita a ser apenas um conhecimento. Para que a ação seja genuinamente prudente, esse conhecimento deve necessariamente se transformar em ação. Não adianta saber qual é a decisão certa e não aplicá-la à ação. Nisso consiste a segunda face da prudência – a face deliberativa.”

O papa Bento XVI – hoje Papa Emérito – também participa do dossiê, que publica uma carta enviada por ele ao arcebispo Hans-Josef Becker, datada de 4 de julho de 2009¹⁴, por ocasião da fundação do Josef Pieper Arbeitsstelle (Centro de Estudos Josef Pieper), na Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha.

“Com grande alegria recebi a notícia da criação de um Centro de Estudos sobre Josef Pieper na Faculdade de Teologia de Paderborn. As obras de Josef Pieper sobre as virtudes cardeais foram as minhas primeiras leituras filosóficas, quando comecei meus estudos universitários em 1946”, escreve o papa. “Elas despertaram o meu interesse para o pensamento filosófico, a alegria de uma busca racional de respostas para as grandes questões do nosso tempo. E, além disso, aprendi que os grandes pensadores do passado ainda estão presentes, por conta de sua luta pela verdade, e que a filosofia não se torna obsoleta, sempre que ela honesta e humildemente permaneça no caminho da verdade.”

Para Bento XVI, Josef Pieper é um caso exemplar de verdadeiro filósofo. Segundo ele, Pieper “insistiu na necessidade da busca racional pelo todo, em direção à própria verdade, e só esta é a verdadeira filosofia. Ele sabia que nós podemos levantar essas questões se estivermos dispostos a ouvir os grandes pensadores de todos os tempos e que, devido à grandeza da sua tarefa, a filosofia também deve estar sempre pronta a ouvir as respostas, e refletir sobre elas, que surgem da fé e da sua maneira especial de escuta. O fato de ele ter sido capaz de apresentar suas perguntas e respostas de uma maneira bela e compreensível, sem as amarras de um estilo de linguagem rigidamente erudito, é, para mim, mais um sinal de que ele era um verdadeiro filósofo”.

Outros dois textos concluem a parte do dossiê dedicada a Pieper. Num deles, *Über die Aufgabe des Lehrens in der Kirche*¹⁵, Berthold Wald discute a missão da Igreja hoje como educadora, sempre sob inspiração das ideias do filósofo de Münster. O outro texto é o já comentado “Abertura para o todo: a chance da Universidade”.

Foi numa de suas edições de 2019 que a revista *Convenit Internacional* deu início a um projeto de alta relevância para a educação básica. Em sua versão *Convenit Internacional – Coepta*, ela abriu suas páginas para trabalhos de alunos do ensino médio de escolas da Região Metropolitana de São Paulo, feitos sob a supervisão de seus professores. Depois de passarem por rigorosa avaliação dos editores da revista, esses trabalhos foram publicados em *Convenit Internacional Coepta 1*¹⁶, ao lado de artigos de grandes pensadores do século 20, como Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás, e de autores clássicos, como Tomás de Aquino e Petrus Alphonsus. Dessa forma, uma curta e instigante reflexão de Pieper, “Viver do silêncio”, no original em alemão, *Schweigen*, e na tradução de H. Elfes, foi publicada na mesma edição em que vieram à luz textos de alunos do ensino médio do Colégio Luterano de São Paulo, do Centro de Estudos Júlio Verne, da Escola Bilíngue Pueri Domus e do Colégio Ítaca.

¹⁴ www.hottopos.com/isle31_32/59-60Ratzinger.pdf

¹⁵ www.hottopos.com/isle31_32/47-58Wald.pdf

¹⁶ www.hottopos.com/convenit30/index.htm

2020: fundamentos da justiça e dos direitos humanos

O projeto Coepta teve continuidade em 2020, agora com a participação de alunos do ensino médio das Secretarias Municipais de Educação de São Paulo e do Guarujá, além dos estudantes do Colégio Luterano São Paulo, do Centro de Estudos Júlio Verne, do Colégio Visconde de Porto Seguro e da Escola Bilíngue Pueri Domus. Eles publicaram seus trabalhos numa edição dupla, números 34 e 35, da *International Studies on Law and Education – Coepta 3 e 4*¹⁷. Nessa mesma edição, de Pieper foram publicados *Verstehen – liebendes Erkennen* e sua tradução, *Compreender – Conhecimento amoroso*, feita por Jean Lauand e Enio Starosky.

Naquele ano de 2020, um dos destaques foi também o tema da justiça em Josef Pieper. A *Revista Internacional d'Humanitats* publicou a tradução da primeira parte do ensaio *Über die Gerechtigkeit* (“Sobre a justiça”), antecedida pelo artigo *Justiça e direitos humanos segundo Josef Pieper*¹⁸, da lavra do autor deste artigo.

Nesse ensaio, Pieper expõe os fundamentos da justiça e dos direitos humanos. Como lembra o filósofo alemão, existem direitos que não têm origem em nada que o indivíduo tenha feito para que adquirisse esse direito. Um desses direitos é a vida, por exemplo. Então pode-se dizer que é em função da natureza que o ser humano possui algo inerentemente seu. Porque é um elemento da natureza, porque está na natureza, que dispôs as coisas como são, o ser humano possui algo que deve ser garantido e preservado.

Isso já é muita coisa, mas ainda não é tudo. As pedras, as plantas e os animais também estão na natureza, mas nem por isso eles possuem algo de seu. Deve-se dizer, então, que o homem possui algo essencialmente seu em função da sua natureza, da natureza humana. O homem é dotado de uma natureza que inclui direitos sem os quais ele deixa de ser homem. Esses direitos são intrínsecos, inseparáveis dessa natureza. Falar dessa natureza é falar de direitos inerentes, o que não acontece com as pedras, as plantas e os animais.

Desse ponto de vista, os direitos humanos estão diretamente relacionados com a natureza humana. Não se pode indicar onde os direitos humanos se fundam a não ser que eu tenha uma concepção de homem, de natureza humana.

Se não existe natureza humana, então o ser humano pode ser tratado como se quiser. Se ele não possui uma natureza dotada de um direito inalienável, não há o que respeitar, a defesa dos direitos humanos estará muito fragilizada e o ser humano estará à mercê da lei do mais forte. Sem a noção de natureza humana, é impossível que direito e justiça possam ser fundados. Sem ela, a garantia dos direitos humanos dependerá de acordos, de normas, da legislação, do direito positivo, o que é muito instável, inseguro e fraco. O governo de plantão sempre poderá mudar a lei e desconsiderar o que há de inalienável no ser humano.

Mas, ao dizer que a natureza humana é constituída de direitos intrínsecos, ainda não se chegou à mais profunda fundamentação da justiça e dos direitos humanos. É preciso avançar mais, para que a garantia dos direitos humanos se fortaleça e seja efetivamente assegurada. A natureza humana não se funda em si mesma. Portanto, não pode ser a razão última do direito e da justiça. É preciso recorrer à sua máxima e definitiva legitimação. E a razão última, diz Pieper, é que o homem é uma criatura criada pelo que é divino, pelo supranatural.

Não se trata propriamente de uma visão cristã de natureza humana, mas sim de uma intuição presente já nos pensadores da Antiguidade grega e que formou a base da

¹⁷ www.hottopos.com/isle34_35/

¹⁸ www.hottopos.com/rih49/47-56RCastroJosefPieper.pdf

tradição ocidental de pensamento pelo menos até a modernidade. Em Platão há a ideia de um *demiurgós*, de um demiurgo, de um artífice, que criou todas as coisas. E Aristóteles, em sua doutrina sobre as causas do ser, cita entre elas a causa eficiente, sobre a qual ele fala pouco, simplesmente pelo fato de que ela está acima da capacidade humana de entendimento.

Em poucas linhas, é assim que Pieper trata a questão da justiça e dos direitos humanos.

2021: nome e identidade

Neste ano, as revistas do Cemoroc continuaram a dar espaço para o pensamento de Pieper. Entre outros textos do filósofo alemão, a *Revista Internacional d'Humanitats*, por exemplo, publicou *Wie heißt man wirklich?*, ao lado de sua tradução, que recebeu o título de *O verdadeiro nome de cada um*, feita por Jean Lauand.

Trata-se de uma reflexão curta, em que o filósofo alemão analisa o mistério da identidade de cada indivíduo. Lembrando que os nomes dados às coisas não lhes podem penetrar a essência, uma vez que “as essências das coisas nos são desconhecidas”, como sustenta Tomás de Aquino, ele destaca que os nomes “frouxa e circunstancialmente ligados às coisas são os que se desvanecem quando nossa memória começa a falhar, enquanto os mais essenciais se fixam e se tomam indelévels, inesquecíveis”. É o que ocorre, por exemplo, quando se diz de uma pedra que ela é uma “pedra preciosa”, algo mais difícil de esquecer. Já quando se afirma que essa pedra é uma “alexandrita”, assim chamada em referência ao czar Alexandre II, isso é mais fácil de escapar da memória.

“Num templo budista japonês mostraram-me centenas de plaquinhas douradas com os nomes dos mortos, por quem os monges oravam. Estava escrito nessas plaquinhas não o nome civil - nem o nome nem o sobrenome -, mas um nome ‘novo’, que o morto recebia só depois da morte, numa cerimônia ritual própria. Enquanto eu contemplava aqueles caracteres estranhos para mim, veio-me à mente a sentença bíblica do profeta Isaías: ‘Eu te chamei pelo teu nome’. É sem dúvida esse o nosso verdadeiro nome; só ele nomeia com precisão aquilo que na verdade somos. Só que esse nome ainda nos é desconhecido...”

Considerações finais

O breve panorama exposto neste artigo é suficiente para atestar a importância das revistas do Cemoroc para a difusão do pensamento de Josef Pieper no Brasil nos últimos cinco anos. Ao mesmo tempo, oferece uma noção da profundidade e da fecundidade desse pensamento, capaz de inspirar reflexões que contribuem para o debate contemporâneo em diferentes áreas ligadas à antropologia filosófica.

É razão suficiente para que ensaios de Pieper continuem a ser traduzidos, publicados e comentados no Brasil. E, para que isso aconteça, certamente as revistas do Cemoroc deverão ter um papel fundamental – como acontece desde a sua fundação, há 25 anos.

Recebido para publicação em 28-01-21; aceito em 25-02-21